

I. Preâmbulo

I.1 Introdução

Como acontece com todos os artefactos humanos, este trabalho tem uma história, a qual se conta em breves palavras. São essas breves palavras também uma primeira explicação para a sua razão de ser.

O autor destas linhas trabalhou, durante cerca de trinta anos, para a IBM Corporation, uma das maiores e mais emblemáticas empresas transnacionais que marcaram a história do século xx, quer em termos da sua implantação geográfica e volume de negócios, quer em termos do seu peso institucional por via do estrondoso desenvolvimento tecnológico a que a sua actividade veio a dar origem, directa e indirectamente. Tal desenvolvimento tecnológico apresenta-se hoje como um dos mais importantes factores no desenrolar recente do fenómeno da globalização.

Quando, nos idos de 1968, me candidatei para a posição de engenheiro de sistemas informáticos junto da IBM South Africa Pty Ltd., fui informado de que, em rigor, eu iria ser empregado da IBM World Trade Corporation, Mozambique Branch. Fui desde logo, nas primeiras semanas de treino e 'endoutrinamento', paulatinamente conduzido à compreensão do *modus operandi* daquela empresa, variável de país para país, segundo a dimensão do mercado e as condições económicas e financeiras dos diversos países ou territórios onde a empresa actuava ou se propunha actuar. O que importa aqui sublinhar é que, já então, aquela empresa começava a considerar o planeta, na sua totalidade, como um mercado; heterogéneo, mas um só mercado, estruturando as suas actividades nas diversas regiões do globo de acordo com os mais prosaicos princípios de custos e benefícios, sendo estes dependentes das condições locais.

No caso de Moçambique e de Angola, por exemplo, os respectivos mercados locais eram considerados demasiado pequenos para que se justificassem as despesas com o estabelecimento de filiais locais, sujeitas a regras de contabilidade nacional e de relações administrativas com a empresa-mãe, de tipo distinto do que seria no caso de sucursais. Por outro lado, e apenas por razões de rivalidades pessoais entre os quadros de Luanda e de Lisboa¹, fora então decidido colocar as sucursais de Angola e Moçambique sob a supervisão e controle operacional da filial sul-africana. As sucursais do Congo-Zaire ou da Zâmbia, Nigéria ou Quénia, por exemplo, dependiam directamente ou da filial belga ou de um gabinete de controle transeuropeu sediado em Paris. Já as sucursais da Costa do Marfim ou do Senegal eram simples sucursais da

1 Não seria descabido perspectivar já aqui o esboço de uma emergência de conflitos de identidade nacional...

filial IBM France SA. Uma outra característica a reter era o *modus operandi* das sucursais directas da IBM World Trade Corporation. Deve dizer-se que a empresa tinha praticamente dois tipos de negócio: só alugava equipamentos informáticos, não os vendia, e propunha-se prestar serviços de processamento de dados em computadores montados nas suas próprias instalações. Quando se assinava um contrato para aluguer de um sistema informático com um qualquer cliente (os Caminhos-de-Ferro de Moçambique, por exemplo), esse aluguer valia (ainda por exemplo) 10 000 dólares USA. Aquilo que se esperava que explicássemos, exaustiva e demoradamente, às autoridades cambiais dos países onde se estabeleciam as sucursais, era o facto de que a sucursal não tinha capital próprio e que era suposto ser tratada tal como qualquer outra sucursal numa região mais remota de Montana, Arkansas ou Dakota. Por exemplo, era suposto que os 10 000 dólares USA de aluguer mensal fossem remetidos meticulosa e rotineiramente, todos os meses, pelos Caminhos-de-Ferro de Moçambique para a conta 123xyz da IBM World Trade Corporation num determinado banco em Nova Iorque. Em contrapartida, a empresa comprometia-se (e fazia questão em cumprir) a remeter, também numa base mensal, os fundos necessários às suas operações locais. Havia mais uma série de detalhes, tais como o facto de os computadores serem importados sem custos para os países onde se estabeleciam as sucursais, assim como o facto de as receitas locais pela prestação de serviços de processamento de dados em computadores próprios da empresa, serem cobradas em moeda local e servirem para o pagamento de grande parte das despesas locais. O exercício de explicação deste *modus operandi* às autoridades locais, assim como das respectivas regras contratuais aos diversos clientes (empresas públicas e privadas), repetido diversas vezes em diversos países africanos pelo autor deste trabalho, constituiu uma primeira e inesquecível experiência sobre os «como» e «porquê» da globalização, ainda que *avant la lettre*.

Tendo estado integrado, durante vários anos, na estrutura de gestão da IBM South Africa Pty Ltd., por via das minhas responsabilidades como director-residente da IBM World Trade Corporation, Mozambique Branch, tive ocasião de visitar a África do Sul numa base regular, que chegou a ser quase semanal, ao longo de mais de doze anos. Desse contacto frequente, e diria que quase íntimo, com as realidades sociais, económicas e políticas daquele país, retenho alguns episódios que acabam por estar também na origem deste trabalho. Estou a pensar nas frequentes conversas e discussões (no sentido que esta palavra tem na língua inglesa) com colegas sul-africanos, quer de origem inglesa quer de origem africânder, sobre a política geral do *apartheid* e dos seus reflexos no dia-a-dia dos cidadãos e empresas sul-africanas.

Provavelmente por alguma casualidade inicial, no seio da estrutura organizacional em que me inseria, tinha contactos regulares permanentes com alguns profissionais, quadros e gestores que acabavam por ser representativos das diversas tendências políticas, culturais e étnicas em presença na África do Sul, mais especificamente, africânderes de tendência *verligte*², africânderes *verkrampste*³, simpatizantes ou eleitores quer do Partido Nacional (do governo), quer do Partido Unido, ingleses liberais, judeus, ‘indianos’, *coloureds* e os incontornáveis ‘africanos negros’. Uma das primeiras características a assinalar era o facto de o tema das relações entre os diversos grupos étnicos ser quase uma obsessão, não só nas componentes sociais e culturais, mas também nas perspectivas económicas de gestão e aproveitamento da «força de trabalho», assim como da potencial dimensão de um «mercado consumidor». Ao longo dos anos, muitas dessas conversas e discussões incidiam sobre os problemas da formação técnica dos ‘africanos negros’ em contraste com a educação científica e tecnológica dos ‘africanos brancos’, no contexto do mercado sul-africano, condicionado às regras impostas pelo sistema de *apartheid*. Tive assim ocasião de presenciar vivas discussões sobre as «vantagens» sociais e «necessidade óbvia» de um desenvolvimento separado das diversas etnias coexistentes na África do Sul, em contraponto aos respectivos inconvenientes e custos a nível macroeconómico. Isto para não falar das implicações morais resultantes das diversas formas de discriminação.

Considerando o facto de eu ser naturalmente considerado um estrangeiro (e sê-lo, de facto), grande parte daquelas discussões pareciam, assim, assumir também a forma de explicação, muitas vezes com carácter como que justificativo por parte dos meus interlocutores sul-africanos, relativamente à situação interna daquele país, sendo essas explicações dadas para consumo de um «observador externo mas interessado»⁴.

Mais tarde, na sequência das transformações ocorridas em Moçambique em 1974/75, tendo sido transferido para a Zâmbia, aconteceu-me ter que lidar, de perto e no plano profissional, com as consequências directas de um epifenómeno das grandes tendências do sistema-mundo: a queda do preço do cobre nas cotações na Bolsa de Londres, de cerca de 1 000 libras a tonelada para pouco mais de 600 libras num só dia (em Setembro de 1974, se a memória não me falha). Usando do muito tempo disponível para múltiplas leituras sobre os grandes temas da economia política, sucedeu-me então ‘tropeçar’, como sói dizer-se, num dos problemas fundamentais da análise económica marxista: a

2 Ou «mais esclarecidos». Na literatura inglesa consultada, a expressão *verligte* que, em rigor, se deve traduzir por «esclarecido» ou «iluminado», aparece com frequência transposta para *reformists*.

3 Ou «mais conservadores». Literalmente, «de vistas encurtadas».

4 Assinalo que, no formulário da minha candidatura a quadro da IBM South Africa Pty Ltd., tinha colocado a expressão *interested political observer no campo dos hobbies and interests*. Estávamos em 1968.

tendência decrescente da taxa de lucro. Tendo investigado o tema com algum detalhe, tive então ocasião de desenvolver um algoritmo para demonstração daquela tendência. Por essa altura, residiam em Lusaca alguns militantes e dirigentes do ANC (African National Congress) com quem tive ocasião de conviver, ainda que de forma algo esporádica. Discutindo o problema com um dos economistas do ANC⁵, no contexto de alguma especulação relativamente à futura evolução da África do Sul e do regime de *apartheid*, chegámos à prosaica conclusão que tínhamos percorrido um percurso similar no que diz respeito a leituras, designadamente Karl Marx, Paul Baran e Paul Sweezy, com algumas incursões por John Maynard Keynes e, em particular, John Kenneth Galbraith. E que, feitas as contas, o referido algoritmo não era mais do que um modelo algo rudimentar, mas provavelmente certo, do sistema capitalista. Em todo o caso, comentou-se então a esse respeito que, como provavelmente diria Keynes, mais valia estar vagamente certo do que exactamente errado.

Essa ‘descoberta’ ou invenção do referido algoritmo, assim como o continuado estudo da problemática das grandes tendências de fundo do sistema capitalista, intercalado com a prática continuada (e estudo necessariamente detalhado) das então novíssimas profissões das tecnologias da informação e da comunicação, foram o que, ao fim e ao cabo, vieram a estar na origem deste ensaio. O caso da África do Sul, aliás, como se espera poder vir a explicitar, vem a representar o exemplo paradigmático do comportamento de longo prazo e das tendências de fundo do sistema-mundo.

Ao longo destes últimos vinte anos tive ocasião de ler e estudar algumas dezenas de livros e centenas de artigos sobre a temática África do Sul, por interesse profissional e por curiosidade de carácter social e científico. Do que acima fica exposto poderá deduzir-se que a elaboração deste livro tem as suas raízes metodológicas não só no convencional método da observação participante, tão comum em antropologia e em sociologia, mas também em entrevistas semi-estruturadas ou de carácter simplesmente informal. Recorreu-se a uma extensa pesquisa bibliográfica e à consulta de algumas fontes primárias e secundárias de diversos tipos, designadamente imprensa especializada e relatórios de organismos internacionais e nacionais sul-africanos, tal como vem reflectido na bibliografia aqui apresentada. Por estas razões, e porque este livro acaba por ser também a decantação de muitos anos de observação e estudo da realidade africana em geral e da África do Sul em particular, tornar-se-á, por vezes, difícil distinguir com precisão as ideias inteiramente originais ou de lavra própria, das reformulações de ideias e conceitos encontrados ao longo de tantas e diversificadas leituras – desde leituras sobre prosaicas e pragmáti-

5 Mac Maharaj, se bem me lembro, embora admita que possa estar enganado, que veio a ser Ministro dos Transportes no governo do Presidente Nelson Mandela.

cas aplicações informáticas a questões de planeamento empresarial ou de planificação económica nacional, até leituras sobre sistemas periciais ou o desenvolvimento de algoritmos em inteligência artificial, passando por questões como a complexidade e as teorias do caos. Recordo em particular a preparação e apresentação de uma palestra sobre a utilização da informática no processo de planificação económica nacional, perante uma audiência de membros da Zambia Computer Society e da Universidade da Zâmbia, sendo essa palestra baseada no estudo dos trabalhos de Wassily Leontieff⁶ (na discussão analítica das matrizes de *input-output*), em particular o seu trabalho realizado por incumbência das Nações Unidas, *The Future of the World Economy* (1977). A experiência profissional vivida ao longo de tantos anos, sempre na área das novas tecnologias da informação e da comunicação, assim como o tipo de estudos académicos entretanto prosseguidos, levam a que os interesses subjacentes à elaboração deste livro tenham como resultado que este se possa considerar como passível de ser classificado quer como um exercício de sociologia económica, quer como uma reflexão crítica das teses da chamada escola do sistema-mundo, aplicada a um país concreto, neste caso a África do Sul. A esse respeito pode também assinalar-se que, significativamente, o título mais comum nos livros e artigos de revistas dedicados ao tema lidos é *The Political Economy of South Africa*, ou variantes sobre este.

Neste preâmbulo, introduzirei os temas que me proponho discutir, com um primeiro resumo de intenções, passando, em seguida, à apresentação geral das ideias expostas e debatidas no corpo substantivo do livro. Seguir-se-ão algumas reflexões de carácter epistemológico assim como uma brevíssima incursão sobre o tempo e a racionalidade, temas que penso serem pertinentes em qualquer reflexão sobre ciências sociais e também num estudo cujo objecto e respectivo problema científico tem uma temporalidade que se mede em, mais ou menos, três gerações. Discutirei ainda, de forma crítica, a abordagem da chamada escola do sistema-mundo, em que serão introduzidas algumas ideias que penso terem um carácter original ou, pelo menos, pouco ortodoxo. Considerando a importância do papel desempenhado pelas empresas no processo da globalização, tema central e recorrente deste livro, penso que será pertinente fazer também uma breve revisão crítica das teorias da empresa, na medida em que as mesmas ajudarão a compreender melhor o processo histórico aqui em estudo. Entrar-se-á, então, na problemática da África do Sul, depois de uma breve referência à crise⁷ geral em que está mergulhada a África

6 Economista norte-americano de origem russa e Prémio Nobel da Economia, pioneiro na aplicação da informática ao processamento de matrizes inter-industriais em análise económica com base no trabalho clássico de François Quesnay.

7 Embora o conceito de crise merecesse um tratamento específico e mais detalhado, o termo é aqui utilizado apenas no sentido mais comum de quebra, rotura ou perturbação na normalidade diacrónica do desenvolvimento de um qualquer processo social, político ou económico.

Subsariana como um todo. A concluir, far-se-ão algumas reflexões a propósito da exposição entretanto elaborada e da trajectória próxima futura que se possa antecipar para a África do Sul em geral e para a comunidade⁸ africânder em particular. Embora tenha já indicado que me proponho fazer uma reflexão sobre tempo e racionalidade, devo entretanto alertar para o que é uma das ideias mestras subjacentes a este estudo: as diferentes temporalidades inerentes aos diversos tipos de problemas ou fenómenos em estudo. Parto aqui do princípio de que há na comunidade científica um razoável consenso no que diz respeito à pertinência ou relevância de diferentes unidades de medida do tempo para estudar diferentes tipos de problemas. Apesar dessa presunção de razoável consenso, proponho-me elaborar, mais adiante, algumas considerações mais detalhadas sobre esse tema. Sublinho, entretanto, que a temporalidade específica do objecto em estudo implica que não tenha de apresentar aqui necessariamente os números mais recentes sobre esta ou aquela variável, mas apenas e simplesmente números que indiquem claras tendências de mais longo prazo.

1.2 Resumo de intenções

Começo por esclarecer as razões da escolha do objecto de estudo que intitulei «A África do Sul e o Sistema-Mundo: Da Guerra dos Bôeres à Globalização». A esse respeito, e como penso poder esclarecer mais adiante e com mais detalhe na reflexão crítica que faço acerca das teses da escola do sistema-mundo, devo sublinhar que a África do Sul representou para o sistema-mundo em expansão planetária ao longo da segunda metade do século XIX, ou o último fôlego ou a última fronteira a alcançar ou ainda o derradeiro espaço a preencher⁹. A Guerra dos Bôeres esteve, aliás, na origem directa de uma das obras que marcaram o virar do século XIX para o século XX, *Imperialism* de John Atkinson Hobson (1902), o qual, por sua vez, deu origem a toda uma série de discussões, hoje clássicas, sobre estes temas, e desde logo os conhecidos trabalhos de Rosa Luxemburg, Hilferding e Lenine. Por outras palavras, a África do Sul é, do meu ponto de vista, o local ou o exemplo histórico mais adequado para se estudarem temas como os efeitos da evolução de longo prazo do sistema-mundo, assim como as diversas manifestações da crise global e sistémica de que falam tantos observadores da cena africana contemporânea. Face a essa generalizada situação de crise sistémica (a qual apenas esboçarei

8 Ao longo deste trabalho, o termo comunidade referir-se-á ao grupo étnico-linguístico africânder, embora tenhamos consciência da sua ambiguidade, até na medida em que não é fácil associar os africânderes a um determinado espaço geográfico, nem tomar a identidade linguística como factor exclusivo. A própria ideia de nação não é consensual entre os que são designados por africânderes e que, por vezes, se dividem ou autodefinem como bôeres e Cape Dutch.

9 Estamos a pensar na construção histórica do sistema-mundo a partir da expansão europeia, questão a que voltaremos no capítulo dedicado à temática do sistema-mundo.

um pouco mais adiante) e que afecta a generalidade dos países africanos, parece-me importante que se procure identificar, discutir e explicar minimamente as suas características e causas próximas e remotas, até porque são muitas e variadas, ou divergentes, as explicações encontradas sobre a natureza e causas da chamada crise africana. Para isso, partindo de um posicionamento próprio do marxismo analítico, tal como espero vir a poder explicar com algum detalhe no decurso deste trabalho, optei por focar as questões relativas ao modo social da produção e distribuição de riquezas e do regime de apropriação de excedentes, numa perspectiva que abrange os diversos grupos sociais coexistentes na África do Sul. Esta discussão analítica será feita tendo, como pano de fundo, duas ideias simples mas fundamentais: a inserção, com elevadíssimo grau de integração, da África do Sul na economia mundial e o papel determinante assumido entretanto, e de forma cada vez mais pronunciada, pelas empresas à escala mundial. Assim, parece razoável considerar que o estudo da situação social, económica e política da África do Sul seja efectuado tendo em linha de conta a forma da sua inserção no sistema-mundo, bem como discutir as causas desta crise da perspectiva das motivações desses peculiares actores sociais que são as empresas. Deve aqui intervir uma, ainda que brevíssima, referência à temática do comportamento da taxa de lucro, enquanto fenómeno peculiar e específico das sociedades capitalistas e motivador principal da actuação das empresas.

Em consequência da simples ideia de que a África do Sul está inextricavelmente inserida na economia mundial, propus-me investigar e discutir a forma como a elite dirigente da África do Sul terá (ou não), de forma explícita ou implícita, assumido o eventual papel de semiperiferia relativamente ao resto do subcontinente formado pela África Austral e Central, na estrutura global, convencionalmente identificada, do sistema-mundo. Para isso, ter-se-á que considerar a estrutura das diversas cadeias ou fluxos de informação, bens e serviços que, transitando através da África do Sul, ou tendo ali origem, configuram a sua integração no sistema-mundo, assim como os tipos de decisões e os graus de autonomia e dependência que se têm estabelecido, quer entre a África do Sul e a sua suposta periferia, quer entre a África do Sul e o centro do sistema. Mas ter-se-á, sobretudo, que levar em linha de conta os pronunciamentos e intentos objectivados e visíveis por parte dos actores sociais envolvidos¹⁰.

O conceito de sistema-mundo será discutido, utilizando para isso as ideias desenvolvidas por Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein, André Frank, William Martin, Samir Amin e outros, e introduzindo na discussão conceitos importados não só da cibernética e teoria dos sistemas de informação, mas

¹⁰ Designadamente o papel do regime de apartheid como elemento impeditivo, ou pelo menos perturbador, da assunção do papel de país de semiperiferia por parte da África do Sul.

também da ecologia. Procurar-se-á esclarecer quer a postulada estrutura do referido sistema-mundo, quer o seu modo de funcionamento, origens e objectivos, assim como o motor ou motivação que está na base do mesmo. Este ensaio ambiciona assim inserir-se no debate alargado sobre a pertinência e aplicabilidade das diversas correntes ou escolas de pensamento que, ao longo das últimas décadas, se têm ocupado e discutido a problemática mais alargada do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, designadamente as supostamente alternativas teorias da modernização e da dependência.

Face aos constrangimentos impostos do exterior por parte dos outros componentes do sistema-mundo relativamente à África do Sul, nessa investigação de esclarecimento abordar-se-á a participação ou papel desempenhado pelos mais relevantes actores sociais envolvidos na resposta àqueles constrangimentos, designadamente, o Estado (e as suas diversas formulações e instituições), as classes e seus partidos (temas também a esclarecer, ainda que muito brevemente) e as empresas, em particular as de âmbito multinacional. Como é natural, ao levar em linha de conta a problemática de 'classe' e 'etnia' (ou, se se preferir, 'grupo de pertença'), tal não significa que sejam temas cuja discussão teórica caiba *per se* nos objectivos propostos para este livro. Também aqui se procurará mostrar, tão-só e apenas, a especificidade e interesse do estudo de caso da África do Sul como exemplo paradigmático do funcionamento do sistema social capitalista, assim como das implicações desse mesmo funcionamento, levado até às últimas consequências, na ideia de nação. Isto na medida em que me parece que é justamente a África do Sul o país em que mais se tem evidenciado a tensão permanente entre as ideias de 'classe' e de 'etnia' ou 'nação'. Tal tensão, quer no plano analítico, quer no plano de intervenção política, tem sido particularmente evidenciada por diversos autores, devendo sublinhar-se o facto de que uma tal tensão, sempre latente, ter sido superada durante décadas, através do exercício do poder político por parte dos africanos. A esse respeito dever-se-ão ter presentes as reflexões de Martin Schoenteich e Henri Boshoff em '*Volk, Faith and Fatherland*' (2003), ou ainda as ideias de Jack Simons e Ray Simons expostas em '*Class and Colour in South Africa, 1850-1950*' (1969).

No caso das empresas, em rigor, há que considerar o caso muito particular, por um lado, das empresas mineiras e, por outro lado, dos grupos ou 'casas' financeiras que, ao longo das décadas, têm estado por trás de grande parte do que tem sucedido, em termos de investimentos e decisões políticas, na África do Sul, desde o financiamento inicial da Guerra dos Bôeres até ao financiamento de quase todos os grandes empreendimentos mineiros lançados na primeira metade do século xx. Como teremos ocasião de verificar, as empresas lançadas pelo estado sul-africano durante as décadas de governos

africânderes, desempenharam um papel crucial e decisivo na prossecução dos objectivos de longo prazo, a seu tempo propostos pela fracção politicamente mais esclarecida da “nação’ africânder’, fracção social essa que, tendo sempre tido uma configuração variável, veio entretanto a ser conhecida pela designação genérica de *verligte*.

Finalmente, no processo de elaboração deste estudo, coloco-me na posição analítica identificada como derivando das ideias associadas àquilo a que se pode chamar marxismo heterodoxo renovado, de que consideramos o marxismo analítico como sendo não mais do que uma das vertentes. Nessa linha genérica de interpretação das coisas da sociedade humana, proponho que se dê o grau de prioridade à análise da estrutura económica do «modo de produção» capitalista, quer na vertente da «base material» e tecnologia subjacente, quer na vertente das «relações de produção» (ou a estrutura de classes que condiciona e é por sua vez condicionada pela «base material»). Uma tal opção não significa, de modo algum, que se possa deixar inteiramente de lado as vertentes analíticas da política internacional, cultural e sociológica; significa apenas que se dá prioridade analítica (ou chamada de atenção preferencial) para as coisas do foro do modo de produção e distribuição de riqueza.

Citando Thomas Koelbe (1998), a África do Sul acaba por ser uma autêntica mina de ouro das ciências sociais, um país das maravilhas da investigação social, «where up is often down and the square may turn out to be round». Terá sido essa a razão principal da minha escolha da África do Sul para um estudo de caso em que se cruzam e se interpenetram três grandes vectores de análise, a saber: em primeiro lugar, a ‘crise’ (uma situação concreta vivida por uma determinada sociedade humana numa fase da sua evolução histórica), em segundo lugar, a ‘motivação fundamental dos actores sociais’ (para o caso, a motivação das empresas em regime de economia de mercado tendencialmente não-regulado) e, em terceiro lugar, a ‘estrutura do sistema-mundo’ (palco global onde se desenvolve o devir histórico das diversas sociedades humanas e dos seus actores sociais). A indicação destes três grandes vectores remete-nos, naturalmente, para uma primeira discussão ou análise de nível macro. Já no plano específico do caso da África do Sul, defende-se aqui a tese de que o fim do regime de *apartheid* e, em particular, a forma assumida pela transição para uma democracia não racial, se explica pelas motivações de base dos actores sociais mais relevantes para o despoletar do processo, isto é, a elite reformista ou *verligte* africânder, tendo em consideração justamente a situação objectiva em que já se encontrava o sistema-mundo (na sua trajectória, como diria Wallerstein) em meados dos anos 80 do século xx, por um lado, e a situação concreta de paridade social e económica entretanto alcançada pelos africânderes relativamente aos ingleses, por outro. Quanto a isso, julgo poder explicitar o papel

determinante jogado pelas empresas, enquanto instituições com impacto na mundivisão dos seus participantes e através dos seus dirigentes mais esclarecidos, no desenrolar geral do processo que levou à transição democrática.

Assim sendo, na elaboração deste livro procurou-se naturalmente construir um conjunto estruturado e coerente, numa perspectiva analítica composta por conceitos e hipóteses articulados entre si. De entre os diversos esquemas ou modelos analíticos usualmente encontrados em sociologia e em economia, foram seleccionadas as ferramentas ou instrumentos que a cada momento se apresentaram mais adequados para a interpretação da totalidade societal encontrada. Mesmo correndo o risco de eclectismo, sujeito à eventual acusação de ser confuso e/ou disperso, pensa-se que é legítimo o recurso à utilização de métodos analíticos que parecem relevar do chamado individualismo metodológico¹¹, na medida em que se procura estudar o comportamento emergente¹² na globalidade do sistema-mundo em geral e na África do Sul em particular, assim como os seus reflexos no desenvolvimento social e económico da região da África Subsariana em que este país se encontra mais directamente envolvido. Para esse estudo há que levar em linha de conta as motivações e incentivos de acção, postulados ou empiricamente observados, dos actores ou agentes sociais individuais, envolvidos no processo, em termos muito genéricos, gestores de empresas e empresários individuais, dirigentes sindicais e de grupos representativos das chamadas classes trabalhadoras, agricultores modernos e campesinato tradicional, estruturas e dirigentes políticos (urbanos e tradicionais), profissionais liberais e quadros qualificados, assim como académicos e cientistas sociais.

Devo esclarecer que não se excluiu, à partida, nenhuma ferramenta analítica. Faz-se este esclarecimento na medida em que, na leitura das principais obras sobre os problemas e temas do desenvolvimento, parece perpassar entre os autores (quer sujeitos quer objectos de estudo) uma crítica e contracrítica permanente, relativamente aos métodos que estes ou aqueles autores são alegadamente supostos usar ou não usar, sendo que, o mais das vezes, algumas destas ou daquelas 'teorias' são descartadas ou desqualificadas justamente com base no facto de terem recorrido a estes ou àqueles métodos analíticos. Um pouco como se se discutissem as características ópticas dos microscópios a propósito dos problemas da investigação biológica, do que resultaria que uma discussão analítica sobre as características, causas e efeitos de uma qualquer

11 *Corrente de pensamento que defende o primado ou exclusividade analítica centrada na pessoa individual e nos seus interesses e motivações. No campo da economia, assume a entidade do homo economicus como elemento central na análise, ou seja, a explicação dos fenómenos sociais e económicos encontra-se nas motivações e acções de pessoas individuais. O individualismo metodológico é normalmente associado à Escola de Viena e são seus principais proponentes Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Karl Popper.*

12 *Estudo do comportamento finalizado de entidades colectivas, que resulta das interacções entre elementos múltiplos, dotados de capacidades e complexidades diversificadas, constitutivos daquelas.*

espécie viva, se veria transformada numa discussão sobre engenharia óptica ou optometria. Efectuei, no entanto, uma recensão do que mais importante se tem produzido nesta área do conhecimento, enquanto procurei estudar os dados ou elementos dessa realidade por recolha ou observação directa, utilizando os métodos analíticos que se me apresentaram como os mais adequados.

Ao elaborar uma hipótese de explicação para a crise social e económica que parece afligir o conjunto dos países da África Subsariana, países formalmente independentes ao longo das últimas cinco décadas, recorri naturalmente ao uso de uma série de conceitos tidos como adquiridos nas diversas ciências sociais, mas considerando que será necessário fazer alguns esclarecimentos em relação a alguns. Estou a referir-me mais especificamente a termos e conceitos tais como «valor»¹³, «desenvolvimento», «produtividade», «exploração do trabalho», «tempo e racionalidade». Pretendo fazê-lo sempre, apenas e tão-só, de forma instrumental e tendo como objectivo o seu eventual uso para analisar e explicar a actual e prolongada situação de crise na generalidade dos países da África Austral. Assim sendo, cruzam-se e entrecruzam-se ao longo do livro algumas ideias mestras que poderão apresentar-se como heterodoxas relativamente às perspectivas encontradas na literatura consultada e referenciada, designadamente no que diz respeito às causas explicativas da crise social e económica da África Subsariana em geral. Essa pretendida ou suposta heterodoxia caracteriza-se pela ideia que tenho e do uso que faço de termos e conceitos aparentemente tão comezinhos como os acima indicados.

Ao considerar a incorporação da África do Sul no sistema-mundo e ao procurar discutir os efeitos dessa incorporação sobre os agentes ou actores sul-africanos, terei também presente o esquema de análise encontrado em Georges Gurvitch (1979) relativamente aos diversos níveis de profundidade analítica. Penso que este esquema é particularmente relevante para compreender um país como a África do Sul, em tão profundo processo de mudança e tão intensamente sujeito às forças de globalização cultural actualmente em curso acelerado. Muito em particular porque, ao referido esquema analítico, está naturalmente associado outro esquema analítico de temporalidades distintas, tema que proponho discutir mais adiante.

Por outro lado, ainda ao considerar os aspectos mais salientes da incorporação da África do Sul no sistema-mundo segundo o esquema analítico acima mencionado, começaremos pela superfície morfológica e ecológica, pela população e o aproveitamento do meio ambiente. A esse respeito é de assinalar a configuração extremamente heterogénea da população do país e das suas raízes históricas, na medida em que estas condicionaram um determinado

¹³ A esse respeito convém referir o modelo analítico da «cadeia de valor», desenvolvido por Michael Porter (1993), que está subjacente, grosso modo, às chamadas commodity chains organizadas pelas grandes empresas multinacionais e à escala da economia planetária.

modo de ocupação do território, quer em termos de determinantes locais (colonização europeia e migrações africanas), quer em termos de determinantes internacionais (exploração de campos mineiros e estabelecimento das respectivas infra-estruturas, portos e caminhos-de-ferro). Passando para o segundo nível de profundidade, o da análise do comportamento organizado e das organizações sociais, verificamos que uma primeira consequência do longo processo histórico de incorporação no sistema-mundo foi a gradual absorção de valores culturais veiculados por comerciantes/exploradores, missionários, colonos e funcionários administrativos. No caso particular da África do Sul há que levar em linha de conta a presença e impacto de duas grandes comunidades de colonos: os de origem holandesa e os de origem predominantemente inglesa, formando o grupo que inclui gregos, italianos e portugueses, entre outros. Ao passarmos para o nível do comportamento regular mas não formalizado, interessa analisar a emergência (ou não) de um empresariado de raiz nativa sul-africana. Refiro-me ao processo de *black empowerment*, aparentemente despoletado pela alta burguesia dita liberal, de raiz predominantemente anglófona, e que é apresentado como a aceleração de um processo de maior poder económico para as elites africanas negras através da posse, controle e gestão de médias e grandes empresas em áreas e actividades tradicionalmente reservadas a brancos. Os níveis mais profundos de análise focam novos modelos de comportamento, novos heróis e outros referentes. Neste contexto é importante estudar o papel dos *media* em geral e da televisão em particular. Lembre-se a esse respeito que a escolha do sistema técnico de transmissão do sinal televisivo foi, na altura própria, decidido com base no objectivo do reforço do isolamento cultural, por parte dos dirigentes sul-africanos do *apartheid* relativamente aos países vizinhos e a, então futuros, sistemas por satélite. No mesmo sentido, interessa também estudar o papel das igrejas, em termos quer do reforço de identidades sociais, quer dos instrumentos de transição, diálogo e mudança no relacionamento entre os diversos grupos em presença. Evidencia-se, assim, o já referido eclectismo metodológico, eclectismo que, no entanto, se procurou desenvolver de forma integrada e harmoniosa.